

Os TAMBORES SILENCIOSOS: **O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO** **DA NARRATIVA**

*Maria Luíza Ritzel Remédios**

*F*oi nos anos setenta que Josué Guimarães surgiu na literatura brasileira com um desejo muito maior do que a necessidade de ser original e singular: o desejo de comunicar-se com o outro e ajudar na transformação de seu país. Seu primeiro livro, *Os Ladrões*, já apresentava a constatação de que o homem moderno vai-se tornando cada vez mais fragilizado diante de um mundo que o oprime, e de que as artes, em específico a literatura, têm o dever de ir à frente de sua época, transformá-la e construir novos valores.

* Professora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Coordenadora do Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG).

A tarefa de pensar o mundo, transformar sua época, construir novos valores não tem início em Josué Guimarães quando ele inaugura as suas atividades de ficcionista. Ao contrário, ela já fazia parte de sua vida desde 1939, no começo de sua carreira de jornalista na revista *O Malho e Vida Ilustrada*, no Rio de Janeiro. Cidadão do mundo, esse escritor que nasceu em janeiro de 1921, na cidade de São Jerônimo, no interior do Rio Grande do Sul, afirma que

Escrever é comunicar-se. Faço isso desde os 19 anos de idade, embora como jornalista, batendo milhares de palavras por dia. Agora, o que se escreve em jornal é como folha de outono, o vento carrega. Largando o jornalismo (...) comecei a encontrar hora para botar no papel aquilo que sempre quis fazer: ficção¹

entendendo que a tarefa de comunicar-se implicava a necessidade de seguir em frente, encontrando sempre novo caminho na experiência adquirida através de sua vivência e na tarefa de descobrimento, ato de libertação de estruturas sócio-político-econômicas petrificadas.

Sua visão crítica da realidade, já esboçada nos primeiros contos, é constante em toda sua obra ficcional. Retirando a matéria prima de seus romances da paisagem regional, pois como ele mesmo diz:

Nenhum livro é universal antes de ser regional. Autores de grandes obras universais escreveram apenas sobre a sua pequena aldeia ou, às vezes, sobre seu bairro²

procura refazer o sistema de relações sociais, caracterizando, então, o discurso ideológico da sociedade sul-rio-grandense. Assim, criando universos ficcionais incomuns, retratou aspectos do Rio Grande do Sul que poucos conheciam. Pesquisador incansável, “descobriu, amou e reinventou sua gente (...) e junto com o fundo histórico, sabia dar a marca da genialidade quando tocava nas fímbrias do mágico, do irreal.”³

Romancista e homem de ação, Josué Guimarães era um político nato, foi eleito vereador em Porto Alegre, pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), em 1951. Destacou-se na vereança pelo exemplo de coerência e coragem, o que justifica toda a perseguição da ditadura contra ele, esteve

¹ GUIMARÃES, Josué. Entrevista. In: *Josué Guimarães*. Porto Alegre: IEL, 1988. p. 7 [Autores Gaúchos, 15].

² Idem. *Ibidem*. Op. cit. p. 6.

³ LUFT, Lya. Depoimento. In: *Josué Guimarães*. Porto Alegre: IEL, 1988. p.24.

sempre, de uma forma ou de outra, ligado à História de nosso século, não ignorando os problemas de sua época.

A obra ficcional⁴ que produziu, embora numerosa, pois constituída por três livros de contos, dez romances, nove textos infantis, uma peça para teatro e uma coletânea de artigos, compreende-se inteira no curto espaço de dezesseis anos, de 1970 a 1986. Assim, ele é por excelência “o narrador da trágica década de 70”⁵, o que explica a natureza de sua narrativa e a grande importância que desempenhou na interpretação crítica da história brasileira, como se observa, por exemplo, no romance *Camilo Mortágua*.

Pesquisando eventos históricos, procurou, nesses, dados de caráter ficcional que apontassem os fatores de relevância social com o objetivo de questionar sua validade e denunciar uma sociedade que, por seu desajustamento social, levava à falência do indivíduo. Em seu questionamento, Josué Guimarães, procurava a justiça, como ele próprio diz:

Faço tudo com dúvidas. Tenho dúvidas permanentes. Não acredito muito nas coisas que estão por aí. Acho que sempre trabalhei em instituições democráticas, principalmente jornal e revista. Sempre lutei por aquilo que achava justo⁶.

Se escrever é comunicar-se, conforme ele próprio afirma, Josué soube, como jornalista, mostrar que o mundo precisava mudar. Essa preo-

⁴ Josué Guimarães publicou: *Os ladrões*. Rio de Janeiro: Fórum, 1970; *A ferro e fogo I: tempo de solidão*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972; *Depois do último trem*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973; *A ferro e fogo II: tempo de guerra*. Rio de Janeiro: Josué Olímpio, 1975; *Lisboa Urgente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; *É tarde para saber*. Porto Alegre: L&PM, 1977; *Os tambores silenciosos*. Porto Alegre: Globo, 1977; *Dona Anja*. Porto Alegre: L&PM, 1978; *Pega pra Kaput* (com Moacyr Scliar, Luis Fernando Verissimo e Edgar Vasques). Porto Alegre: L&PM, 1978; *Enquanto a noite não chega*. Porto Alegre: L&PM, 1978; *O cavalo cego*. Porto Alegre: L&PM, 1978; *A casa das quatro luas*. Porto Alegre: L&PM, 1979; *Camilo Mortágua*. Porto Alegre: L&PM, 1980; *Era uma vez um reino encantado*. Porto Alegre: L&PM, 1980; *A onça que perdeu as pintas e As incríveis histórias do tio Balduino*. Porto Alegre: L&PM, 1981; *Xerloque da Silva em “O rapto da donzela”*. Porto Alegre: L&PM, 1982; *O gato no escuro*. Porto Alegre: L&PM, 1982; *Meu primeiro dragão*. Porto Alegre: L&PM, 1983; *Xerloque da Silva em “Os ladrões da meia-noite”*. Porto Alegre: L&PM, 1983; *Um corpo estranho entre nós dois*. Porto Alegre: L&PM, 1983; *O avião que não sabia voar*. São Paulo: Nacional, 1984; *Amor de perdição*. Porto Alegre: L&PM, 1986; *A última bruxa*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

⁵ “CHAVES, Flávio Loureiro. A Sátira decifra a História. In: Caderno de Cultura. *Zero Hora*. 23 de março de 1996, p.5.

⁶ GUIMARÃES, Josué. Entrevista. Op. cit. p. 7.

cupação com a transformação, com a mudança, perpassa sua produção publicada em muitos jornais e revistas em que trabalhou: *Diário de Notícias*, *A Hora*, *Folha da Tarde*, *Zero Hora* (no Rio Grande do Sul), *O Cruzeiro*, *Ultima Hora* (Rio de Janeiro), *Folha de São Paulo* (São Paulo), para citar alguns, quer como repórter, diretor, colunista, editorialista, ilustrador, analista político e correspondente internacional; quer sob diferentes pseudônimos com que assina seus textos jornalísticos, muitas vezes para burlar a censura, com *D. Camilo*, *D. Xicote*, *Philleas Fog*, *Samuel Ortiz...*

Eis o motivo da investigação de toda sua produção, literária ou não, e da organização de seu acervo literário, procurando preservar para a posteridade não só a obra literária de Josué Guimarães, como também tudo o que se escreveu sobre ele. Para realizar essa investigação, foi decisiva a participação da esposa do escritor, Nydia Moojen Guimarães, que doou ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da PUCRS, cerca de nove mil itens dos arquivos do escritor: desde a correspondência particular até roteiros, esboços e originais de sua obra. O Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG) encontra-se em organização, mas o material doado mais o que se tem coletado em outros espaços e recebido de pessoas que conviviam com o autor, permitem que o crítico que se debruça sobre sua obra, perceba a história do surgimento e do desenvolvimento de uma idéia e a concretização no texto escrito final, que aparece sob a forma de um livro. Pode-se, então, estudar o trajeto criativo da obra, através de mecanismos mentais do autor, revelados por anotações, substituições, transformações da idéia original.

Os originais de que se vai tratar aqui são os do romance *Os tambores silenciosos*, com o qual Josué Guimarães recebeu, em 1975, o Prêmio Erico Veríssimo de Romance. Esse livro foi considerado pela crítica brasileira⁷ como a proposta mais inteligente, racional e tolerante para uma discussão sobre a legitimidade e funcionalidade da censura e, principalmente, a responsabilidade do governo, desde os seus mais altos escalões, sobre os abusos da repressão. Localizada na pequena cidade de Lagoa Branca, em setembro de 1936, quando o governo municipal prepara uma grande festa para comemorar a Independência do Brasil, a trama desse romance apresenta não só os preparativos da comemoração, mas também a história de uma comunidade reprimida por força de um momento histórico de conflito. Suas personagens revelam as lembranças de atrocidades cometidas e vividas por seus antepassados, como o fazem as irmãs Pilar, o Coronel-Prefei-

⁷ Alfredo Bosi, crítico literário e professor da USP, considera Josué Guimarães como um autor preocupado em destacar a situação sócio-político-econômica da sociedade brasileira, bem como em fazer, à época, retornar o discurso político na literatura.

to, o músico Tião, o padre Bartelli, o Dr. Fadul, entre outros. Destacam-se na trama as irmãs Pilar porque, através das lentes poderosas de seu binóculo, orientam a leitura da obra, captando, no início de cada capítulo (dia), dados da realidade que se constituem em tema de cada parte da obra. Tornam-se, assim, a mais clara voz de oposição às atividades e comportamentos do Coronel-Prefeito e dos outros habitantes da histórica e mítica Lagoa Branca e levam ao final da obra à ruptura (ou pelo menos ao desejo de ruptura) não com a tradição narrativa, mas com a ordem política repressora.

A questão é de como foi gerado e criado esse texto. Segundo Pierre-Marc de Biasi⁸, o texto definitivo de uma obra literária é o resultado de um trabalho, isto é, de uma elaboração progressiva que se traduz por uma duração produtiva durante a qual o autor dedica-se à coleta de documentos, ou de informações, à preparação e depois à redação de seu texto; a diferentes momentos de correção depois que o esboço já se encontra pronto. Por conseguinte, para aquele teórico, há diferentes fases na gênese de uma obra literária: pré-redacional, redacional, pré-editorial e editorial. A primeira fase compreende a exploração do tema, a decisão de escolha e a elaboração de um plano para execução da obra; a segunda fase, redacional, é a de execução do projeto propriamente dito, quando o autor desenvolve o plano e redige o texto; na terceira fase, pré-editorial, o texto encontra-se em etapa de finalização; a última fase traduz-se pela impressão da primeira edição.

Josué Guimarães não foge à regra, tanto assim que no seu espólio foram encontrados mapas, roteiros, esquemas, esboços e diferentes originais de uma mesma obra. Referentemente à narrativa em análise, *Os tambores silenciosos*, no seu arquivo pessoal, achavam-se um roteiro e dois originais datilografados, com correções feitas pelo autor em caneta preta e azul. O roteiro, fase que precede o trabalho de redação propriamente dito, é, nesse caso, bastante importante, revelando o trabalho de pesquisa do autor para realização do romance. Nele, há uma primeira parte em que o ficcionista levanta “dados e fatos”, como por exemplo os seguintes:

D. Ana Eurídice Eufrosina de Barandas – G. César – 103
 1935 – Dionélio Machado – Os Ratos
 Erico Veríssimo – Um lugar ao sol
Município de LAGOA BRANCA
 Rio Grande do Sul
 12.000 habitantes
 Banhado pelo RIO SOTURNO

⁸ BIASI, Pierre-Marc de. La critique génétique. In: BERGEZ, Daniel et al. *Introduction aux méthodes critiques pour l'analyse littéraire*. Paris: Bordas, 1990. p. 05-40.

Títulos Prováveis: Círculo de giz

A Redoma

As Muralhas de Jericó

Livros:

1932 – Menino de Engenho – Zé Lins do Rego
Anderson Editores - Rio

1933 – Clarissa – Erico
Globo

Músicas de carnaval:

1933 – “Fita Amarela” – Noel Rosa – Mário Reis

1934 – “Ride Palhaço” – Lamartine Babo – Mário Reis
“O orvalho vem caindo” – Noel Rosa e Kid Pepe

1936 – “É bom parar” – Rubens Soares e Noel Rosa
“Pierrô Apaixonado” – Heitor dos Prazeres e Noel Rosa

1935 – “Cidade maravilhosa” – André Filho

A esses dados, que remontam ao momento cultural da época, seguem-se quatro páginas datilografadas, numeradas a mão, que apresentam características de cada personagem do livro. São sessenta e uma personagens esquematizadas. Por exemplo:

As irmãs solteironas;

Maria Celeste – n. 1872 – 64 anos – gorda, 90 kg – roupa sempre preta – Palpitações – pressão alta – autoritária – católica, missa aos domingos

Maria de Jesus – n. 1874 – 62 anos – peso normal – miope – gola sempre afogadinha Varizes – interesse pelo espiritismo, mas católica.

Maria de Fátima – n. 1877 – 59 anos – magra – estômago caído – sofre dos rins – ingênua – enxaquecas.

Maria de Lourdes – n. 1881 – 55 anos – pensa nos mortos – azia permanente – simpática aos protestantes, mas católica.

Maria Madalena – n. 1883 – 53 anos – magérrima – leitora do folhetim do Correio – livros de mocinhas.

Maria da Graça – n. 1888 – 48 anos – ainda pensa em casar-se – sofre de reumatismo – o cabelo cai – sonha em morar em Porto Alegre.

Maria da Glória – n. 1891 – cega – magra – não fala a não ser o indispensável.

Pais: Juvêncio Pillar, n. 1847, teria em 1936, 89 anos.

Branca Travassos Pillar – n. 1850, teria 86 anos

Ambos mortos em 1930, degolados durante a noite, durante a revolução, pelos maragatos.

As irmãs fabricam flores de papel crepom, bordam toalhas, fazem trabalhos de crochê.

Esse excerto retirado do roteiro mostra que, anteriormente aos dactiloscritos, Josué Guimarães já havia realizado não só um pesquisa sobre o momento cultural, mas todo um planejamento que deverá ser seguido na realização da ação romanesca. Retomada nas circunstâncias da produção do texto narrativo, essa fase pode ser concebida como um verdadeiro ponto de partida do qual ele retira uma conclusão provisória que poderá ser alterada no transcorrer da narrativa, como foi alterado o título, por exemplo. A partir desse ponto, Josué visualiza a realização de seu projeto. Distinta da fase de redação do texto, a fase do esquema (roteiro) caracteriza-se por ser não apenas inicial, mas de decisão e de programação.

Os originais dactiloscritos apresentam poucas diferenças entre si. Aquela que se julga ser a primeira versão do romance é constituída por duzentas e dezoito (218) folhas de papel ofício, datilografadas em espaço duplo com trinta e nove (39) a quarenta e duas (42) linhas por página. Nesse rascunho, há correções feitas com tinta azul e faltam páginas (perdidas ou retiradas pelo autor?) desde a cento e vinte e quatro (124) até a cento e noventa e um (191). A folha de rosto apresenta-se assim:

Josué Guimarães

**OS TAMBORES
E OS
PÁSSAROS**

ROMANCE

O título dessa primeira versão não coincide com o da versão final, nem com os títulos prováveis apresentados no roteiro. Já o segundo rascunho é constituído por duzentas e vinte e sete (227) páginas datilografadas segundo as mesmas normas do primeiro. Não faltam folhas, mas há correções, principalmente no capítulo final, quando o último parágrafo é excluído, riscado linha a linha. Também aqui se deve destacar a folha de rosto que se apresenta da seguinte forma:

Juvêncio Pillar

**OS
TAMBORES
SILENCIOSOS**

ROMANCE

Ao lado do título, escrito em caneta azul, uma data, 23/8. Da revisão? Do final do romance? Uma incógnita. Não há outra referência em todo o texto. O importante é o pseudônimo que ele toma, Juvêncio Pillar, o nome do pai das sete irmãs solteironas, aquelas que tinham a visão maior dos acontecimentos da cidade, pois estavam sempre de binóculos à janela, num plano superior, acompanhando todos os passos dos habitantes de Lagoa Branca e a partir da perspectiva de quem o leitor acompanha a história. Acredita-se ter sido essa a cópia encaminhada para concorrer ao Prêmio Érico Veríssimo de Romance, em 1975.

A análise dos originais de *Os tambores silenciosos* revela o cuidadoso trabalho preparatório do romancista, pois apresenta supressão e adjunção de fragmentos de texto, frases, expressões e palavras, nas entrelinhas ou à margem das folhas. Deve-se, entretanto, destacar que o número de correções não é tão grande assim, o que confirma os depoimentos de sua mulher, Nydia, e de seu editor, Ivan Pinheiro Machado, de que, quando Josué Guimarães sentava-se à máquina para escrever suas histórias, ele já as tinha prontas e já havia narrado muitas e muitas vezes aos seus amigos. Por isso se compreende a importância do roteiro em sua produção romanesca; ela resulta, na aparência singela do romance, um conteúdo carregado, porém, de argúcia crítica quanto às ações de políticos medíocres e dominados pela ambição, de mulheres infieis, de policiais violentos e, principalmente, de um ditador, o prefeito de Lagoa Branca, que deseja ver seu povo feliz e pratica a censura, a repressão, a caça aos direitos humanos.

A densidade da literatura de Josué Guimarães e sua importância por ser um ficcionista que reflexiona e indaga, o revelar da fertilidade imaginativa que percorre pormenores efabulativos, principalmente no que diz respeito à caracterização das personagens e à inclusão de histórias adventícias, apontam-no como o contador de histórias que dá ênfase ao poder criador manifestado através da invenção da palavra na sua singularidade ou na sua pluralidade.